

'FATOR-LULA' ■ Estabilidade política reduz risco-país

Wall Street manda recado para o Brasil

Rodrigo de Almeida

■ NOVA YORK. Passados mais de 10 dias de propaganda eleitoral, Wall Street tem duas notícias a dar ao Brasil. A boa: se depender da política doméstica, até outubro o país escapará da dolorosa rotina enfrentada em 2002, quando os brasileiros conviveram com instabilidade e tensão nas bolsas e sucessivas ameaças dos "mercados" – o que afastou investidores e quase levou o Brasil à matroca.

O outro recado, porém, informa: há fatores geopolíticos e econômicos que poderão trazer turbulências para os chamados países emergentes. O principal risco é a economia americana. Stephen Roach, economista-chefe do Morgan Stanley, avisa que o propulsor do crescimento mundial, os Estados Unidos, reduzirá o ritmo em breve.

Os pessimistas sugerem que isso ocorrerá até o início do próximo ano. Os otimistas acreditam que, até o fim de 2007, os tempos de bonança terão acabado. Petróleo, economia americana e terrorismo ameaçam tirar o sossego global constatado entre 2003 e 2006, anos robustos, para o FMI.

Não haverá "risco-Lula", como em 2002, informa o "mercado". Prova da despreocupação foi o chamado risco país brasileiro ter alcançado o mais baixo nível da história. Em 2002, chegou ao recorde de 2.443 pontos a uma semana das eleições. Desceu à marca dos 207 pontos.

O *The Wall Street Journal* cadastra o petista na pasta dos presidentes latino-americanos moderados – ao lado da chilena Michelle Bachelet e do uruguaio



ARQUIVO

Mercado dos EUA vê país longe da instabilidade de 2002

Tabaré Vázquez, e longe do colega da Venezuela, Hugo Chávez.

O britânico *Financial Times* escreve: "Durante sua estada no Planalto, o país passou por um renascimento notável e hoje está a caminho de tornar-se uma eco-

'The Wall Street Journal' insere Lula no bloco dos presidentes latinos moderados

nomia de grau de investimento". O que significa tornar-se atraente para os investidores.

– Estas eleições não têm a imprevisibilidade da anterior – sugere o economista Nuno Câmara. – O mercado sabe: nem

Lula nem Alckmin mudarão os fundamentos da economia.

Para Câmara, só o "pragmatismo" petista é insuficiente para convencer seus clientes de que o Brasil está hoje mais imune à crise. É preciso olhar para os indicadores. O segundo leva a melhor. Mérito, lembra, a ser compartilhado entre tuacas e petistas.

Depois de visitar o Brasil para uma conferência, o professor Barry Eichengreen, da Universidade da Califórnia, disse que o país pode estar na mesma direção do México.

– A cada eleição havia uma crise entre os mexicanos. Isso acabou – lembrou. – O Brasil pode ter uma eleição sem crise.